

AS PRÁTICAS DE LAZER E A SOCIABILIDADE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS EM ALAGOINHAS-BA (1900–1930)

Lizandra de Souza Lima¹

Coriolano P. da Rocha Junior²

Resumo: Este estudo tem como objetivo compreender o processo histórico de constituição dos espaços públicos destinado às práticas de lazer e sociabilidade na cidade. Para tanto, guiamo-nos pela pergunta: Qual o processo histórico que envolve a (re)estruturação dos espaços públicos de lazer e de sociabilidade na cidade de Alagoinhas-BA entre 1900 e 1930? Sob a metodologia da História Cultural analisamos periódicos locais e obras literárias e acadêmicas ligadas ao objeto e período em questão. Concluimos que, mesmo sem o perfil dos conceitos atuais, as práticas de lazer induziram a (re)estruturação dos espaços urbanos e dos hábitos culturais locais. Em suma, tratar das tensões do lazer transpõe o aspecto social e incide nas transformações do espaço da ação.

Palavras-chave: Modernidade; Divertimento; Sociabilidade.

Leisure practices and sociability in public spaces in Alagoinhas-BA, 1900-1930

Abstract: This study purpose to understand the historical process of formation of public zone for leisure and sociability practices urbans. Therefore, we are guided by the question: What is the historical process that involves the (re) structuring of public spaces of leisure and sociability in the Alagoinhas-BA between 1900 and 1930? About the methodology, we use Cultural History to analyze periodicals and literary and academic works related to the object and period in question. We conclude that, even without the current concepts profile, leisure practices induced the (re) structuring of urban spaces and local cultural habits. In short, it deals with the tensions of leisure transposing the social aspect and focusing on the transformations of the action space.

Keywords: Modernity; Fun; Sociability.

Prácticas de ocio y sociabilidad en espacios públicos en Alagoinhas-BA (1900 - 1930)

Resumen: Este estudio tiene como objetivo comprender el proceso histórico de constitución de espacios públicos para la recreación y la sociabilidad en la ciudad. Como pregunta orientadora tenemos: ¿Cuál es el proceso histórico que involucra la (re) estructuración de espacios públicos para la recreación y la sociabilidad en Alagoinhas-BA entre 1900 y 1930? Bajo la metodología de Historia Cultural analizamos publicaciones periódicas locales y obras literarias y académicas relacionadas con el objeto y el período en cuestión. Llegamos a la conclusión de que, incluso sin el perfil de los conceptos actuales, las prácticas de recreación indujeron la (re) estructuración de los espacios urbanos y los hábitos culturales locales.

¹ Docente da Rede Pública Municipal de Alagoinhas-Bahia; Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia; lizandralima@live.com; Alagoinhas – Brasil.

² Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal da Bahia; corijr@ufba.br; Salvador – Brasil.

Palabras clave: Modernidad; Distracción; Sociabilidade.

Introdução

Este percurso inicia-se na busca pela realidade externa às grandes metrópoles, trilhando o caminho para o interior do estado da Bahia. Nesse processo de interiorização de olhares, focalizamos em Alagoinhas, cidade localizada à aproximadamente 100 km de distância da capital Salvador, que de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conta com uma população em torno de 150 mil habitantes e um território de 708 km² de extensão, segundo dados de 2018.

O processo histórico de interiorização cultural na Bahia atinge Alagoinhas desde sua existência enquanto povoado. A cidade surgiu na Estrada das Boiadas, um dos principais caminhos, no século XVII, para o transporte de produtos entre a capital, Salvador, e os demais estados do nordeste. Devido a quantidade de lagoas e o clima favorável, era comum os boiadeiros realizarem pausas de descanso na região.

Séculos depois, com a chegada da linha férrea *Bahia and San Francisco Railway Company* na década de 1860, a comunicação se expandiu a um novo caminho. Além do trânsito de mercadorias chegaram à cidade imigrantes europeus que auxiliaram na construção da linha férrea e que interagiram com a cultura local mais uma vez. Alagoinhas era a segunda estação de transeuntes no percurso da viagem, o que promovia um tráfego cultural constante na cidade, além de ser também um ponto de transbordo para a ramificação, inaugurada na primeira década do século XX, que interligava a capital baiana à Aracaju, capital do estado de Sergipe (LIMA, 2010).

Atualmente este centro urbano compõe e sedia o território de identidade 18 (Litoral Norte e Agreste Baiano), constituído pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia, visando um desenvolvimento equilibrado e sustentável da região (SEPLAN, 2017).

Nesse ponto, vale apontar a ideia de território apresentada por Milton Santos e Berta Becker (2007) que expõe que um território se firma em uma relação complexa entre as partes envolvidas seja nos processos sociais ou na disposição do espaço material. Argumentar sobre esses territórios vai além da demarcação geográfica espacial e perpassa pela relação cultural, social e econômica, por exemplo.

A política pública de criação dos territórios de identidade partiu da SEPLAN “a partir dos movimentos sociais ligados à agricultura familiar e à reforma agrária, sendo posteriormente adotado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário para a formulação de seu planejamento” (SEPLAN, 2020). Entretanto, vale ressaltar que esse espaço divide muito além de suas características econômicas,

climáticas ou produtivas. Trata-se de um território que compartilha história, cultura e características do povo.

No período histórico em que a pesquisa se debruça, a posição social que Alagoinhas ocupava pareceu se estabelecer a partir da ramificação férrea, inaugurada no início do século XX, tornando a cidade um ponto de transbordo. Isso condicionava o trânsito constante de pessoas e produtos, como os que chegavam dos centros urbanos próximos, que eram escoados para outros pontos do estado, como os que chegavam do porto da capital e eram enviados a destinos diversos no interior do país e da região nordeste.

Diversas práticas culturais de divertimento e entretenimento chegaram e transitaram pelos trilhos para diversos centros urbanos e Alagoinhas se beneficiava da sua característica de transbordo para abastecimento próprio e enriquecimento cultural de diversas maneiras. Isso nos estimula a reconhecer em Alagoinhas o processo de formação deste marco regional sob o foco do lazer e da sociabilidade, em específico para a construção dos espaços públicos de usufruto dessas práticas.

Vale enfatizar que no recorte histórico pesquisado não havia ainda a configuração do lazer como há nos tempos atuais. Para tanto, a utilização desde termo cabe apenas como forma de ilustrar que as práticas culturais levantadas se delineavam sob os moldes do divertimento e entretenimento, que posteriormente se estruturaram no campo que chamamos de lazer. Longe de forçar algum anacronismo, apesar da escolha pela nomenclatura, a busca desta análise se firma na perspectiva de práticas culturais de diversão, entretenimento e sociabilidade realizadas no tempo livre e disponível.

Teóricos como Dumazedier (2014), Marcellino (2013), Melo e Alves Junior (2012) e Morin (1997), dentre outros, apresentam o potencial de reverberação existente no lazer como um dinamizador de uma prática capaz de influenciar novos aspectos, hábitos, comportamentos, costumes e ideários em uma determinada sociedade. Desse modo, é indissociável o elo entre o perfil formador que permeia as vivências no lazer e a sociabilidade.

Sobre a concepção de sociabilidade, com base em Dortier (2010), entendemos que estas podem ser interações ocorridas de forma espontânea, por afinidade, sem necessariamente serem um ato utilitário, podendo ser agrupadas como práticas de sociabilidade. Nesse aspecto, inclui-se “toda relação interpessoal, considerando que sua prática social se reflete nas percepções do indivíduo em torno do seu conhecimento e compreensão, em diversas áreas” (LIMA, 2018, p. 17).

A partir destes elos, podemos nos aproximar de um conceito onde o lazer seja visto:

como uma prática cultural humana, vivida no tempo disponível, que reflete interesses variados representados em diversas manifestações, atrelados a livre escolha e a busca

pelas sensações de descanso, divertimento, recreação e entretenimento, possibilitando nas suas vivências, situações de desenvolvimento humano (LIMA, 2018, p. 13).

Santos (1983) chega a pontuar a ideia de cultura tendo por base a dinâmica das relações sociais, seja na sua organização ou nos seus ideais. Morin (1997) ao discorrer sobre a cultura de massas aponta a ideia de “um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram no indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam suas emoções” (p. 15).

Mantendo relação com o posicionamento destes autores e suas análises referentes ao lazer e sociabilidade, a cultura se apresenta como um conjunto que pode ser personificado em obras materiais e/ou imateriais que compõe o modo social constituinte de uma sociedade, atuando como resultado e parte do processo de sua construção.

É possível a interpretação desta cultura na construção dos aspectos e espaços de lazer, tendo em vista que a sociedade que os estrutura, o faz com base em seus costumes e anseios.

Para estes espaços, direcionamos um olhar amplo no sentido de entendê-lo também na sua dualidade estrutural e social, pois, o lazer e a sociabilidade os ocupam em dimensões diversas. A apropriação deste espaço, por estas práticas incide diretamente na apresentação do lazer enquanto fenômeno social, assim como também incide na estruturação das cidades, podendo reverberar nas expectativas da sociedade para com o seu tempo livre, possibilitando consolidar novas representações e novos hábitos (GONÇALVES; MELO, 2009).

Dessa forma, o espaço entendido como público, de amplo e disponível acesso, desempenha um papel crucial na formação do e para o lazer da sociedade, onde este ambiente encontra-se. Freire e Sartório (2015) defendem que ao olhar os espaços disponíveis em uma comunidade, podemos interpretar as práticas de lazer existentes e o incentivo público a estas ações. Além de também analisar a forma de acesso e a mobilidade relacionada a estes espaços, também se torna um fator relevante.

Metodologia

Sob o olhar da Nova História Cultural, direcionamos os caminhos metodológicos desse estudo na busca por uma escrita histórica que reconheça a cultura em sua perspectiva ampla, com um olhar renovado para o cotidiano, as vivências e realidades de um povo (BURKE, 2005).

Esta escolha se dá por entendermos que a História Cultural, em uma abordagem mais ampla, permite que este estudo percorra um caminho, dentre tantos outros, que possibilita vislumbrar a construção dos espaços de divertimento na cidade de Alagoinhas e suas representações no cenário alagoinhense (MELO et al, 2013).

Mostra-se conveniente reforçar que, embora, a temática do objeto seja uma discussão consideravelmente abordada na área acadêmica, a região nordeste e as cidades interioranas não possuem um vasto acervo de produções científicas, sejam elas fundamentadas em investigações históricas ou qualquer outro tipo de pesquisa.

Emerge destas análises a seguinte questão de estudo: Qual o processo histórico que envolve a (re)estruturação dos espaços públicos de lazer e de sociabilidade na cidade de Alagoinhas-BA entre 1900 e 1930?

No intuito de responder esta questão central temos como objetivo geral, compreender o processo de constituição dos espaços públicos destinado às práticas de lazer e sociabilidade na cidade; e ainda, como objetivos específicos, apontar e analisar as práticas culturais e as ações de apropriação destes espaços existentes na época.

Como fontes de registro periódico, analisamos aquelas localizadas na Biblioteca Municipal dos Barris e na Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em Salvador, onde foi possível ter acesso as edições de O Correio de Alagoinhas do período de 1924 a 1930 e uma edição do Jornal A Tarde de 1915.

Como fontes memorialistas, encontramos nesses mesmos arquivos, o livro - Alagoinhas e seu município - de autoria do Dr. Américo Barreira. Contamos também com os livros - Vultos e Feitos de Alagoinhas - de autoria Salomão Barros e o livro - Traços de Ontem - de Joanita Cunha Santos, disponibilizados pela Biblioteca Pública Municipal Maria Feijó, em Alagoinhas.

Para a análise de dados levamos em conta os elementos associáveis aos registros das ações culturais realizadas na sociedade da época; assim como elementos que nos permitam interpretar a representação e acolhida dessas ações, além de informações sobre como ocorriam estas ações.

Ampliando nossa percepção, nos convém aproximar a este ponto do texto, como se deu a construção desse povo e de sua comunidade, assim, vamos apresentar um pouco de sua história e de seus costumes.

Aproximações históricas: Alagoinhas e sua formação

A população que compunha, no século XVIII, o grupo social da antiga Freguesia de Santo Antônio das Lagoinhas contava com tropeiros, que viajavam pela Estrada das Boiadas conduzindo o gado do sertão para a capital, e nativos, que cuidavam das terras onde o gado pastorava em descanso da viagem (BARROS, 1979).

Devido ao aumento demográfico no início do século XIX e após a chegada do padre José Rodrigues Pontes, o vilarejo foi elevado à categoria de Villa de Alagoinhas, sendo emancipado da cidade de Inhambupe em 1852 (LIMA, 2010).

Apesar da emancipação, a urbanização da cidade só ocorreu com a chegada da linha férrea, em 1863, em um espaço cedido pelos fazendeiros da região, cerca de 3 km de distância da sede original (LIMA, 2018). Na implantação da ferrovia de capital inglês e administração franco-belga (*Ferrovía Bahia and San Francisco Railway*), Alagoínhas viveu em sua realidade a ação impulsíonadora de mudanças que já acompanhavam o país desde a chegada da Família Real (LIMA, 2010).

A estrutura projetada se deu através do planejamento urbano realizado entre 1868 e 1871. A ação de transferência entre as sedes foi efetivada em 1868 (BARROS, 1979). Essa transição de sedes afetou diretamente a cultura da cidade. Até aquele momento vivia-se a sociabilidade nas ações organizadas pela capela, entre festejos e missas, além das feiras semanais.

A mudança física provocou mudanças sociais. Também os padrões culturais foram adaptados aos ideais de modernidade do novo centro. É interessante ter em mente que a modernidade na realidade brasileira, como aponta Rubem Oliven (2001), se apresenta sob diversos formatos em cada região e/ou cidade do país, mas em geral:

É provável que o que haja de peculiar à sociedade brasileira seja justamente sua capacidade de deglutir aqueles aspectos da modernidade que lhe interessam, transformando-a em algo adaptado à sua própria realidade... (OLIVEN, 2001, p. 12).

Nesse aspecto, a ligação com outras localidades impulsíonada pela linha do trem promovia uma nova forma de interpretação das relações com o consumo, tempo, deslocamento e até mesmo novos padrões de convivência e mentalidade. Chegavam, pelos trilhos, novos padrões de fruição do tempo.

Alagoínhas, assim como outros centros urbanos do país, apresentou no início do século XX características marcantes dos anseios e ensejos incitados pela modernidade e urbanização difundidos pelo globo.

Lima (2010) aponta as alterações no ordenamento urbano, estrutura férrea, forma de comércio e até mesmo de transeúntes. Tais impactos são reconhecidos e apontados por Alain Corbin (2001), quando este afirma que: “O caminho de ferro foi o mais poderoso instrumento de transformação social do século XIX, o seu aparecimento revolucionou incontestavelmente o uso do tempo livre” (CORBIN, 2001, p. 28).

A linha férrea proporcionou desde o aumento da economia local, à expansão dos interesses de lazer da população. Esse processo tornou-se ainda mais significativo na expansão da linha, na década de 1900, que proporcionava a ligação com mais uma importante cidade nordestina, a cidade de Aracaju - capital sergipana.

A memorialista Joanita Cunha Santos³, evidencia o gosto da população por viajar à Salvador, por exemplo, no interesse de “resolver negócios, fazer compras, ou mesmo para assistir os filmes” (SANTOS, 1987, p. 23). Nessa ligação também se estimulava a ideia do consumo destes produtos, que passaram a ser vendidos pelos comerciantes locais.

O centro urbano da cidade sofreu várias mudanças, desde a inauguração da chamada Estação de Prolongamento. As alterações iam desde demandas de saneamento básico, fornecimento de água e energia elétrica, até alargamento e abertura de ruas e estradas de rodagem, reformas das praças, calçamento e até serviço de transporte público.

Com um olhar voltado para apropriação de práticas da capital, comparando os espaços locais com o da metrópole, a autora enfatiza o piano nos salões da cidade, prática cultural esta que rondava o período, mantendo frequência nas edições do Jornal Correio de Alagoins (1924-1930), com anúncios das aulas particulares lecionadas pela Família Santa Isabel.

Esses fatores nos ajudam a entender que a cidade é, sobretudo, a representação física das pessoas que a habitam. Com isso em mente, começamos a nos aprofundar nas estruturas e práticas ocorridas nos espaços públicos alagoinsenses.

Os espaços públicos de sociabilidade em Alagoins no início do século XX

Na chegada dos anos 1900, a feira era o espaço mais democrático e ativo das práticas de sociabilidade da cidade. Nela era possível ver a interação entre boa parte dos indivíduos da cidade, desde a população das zonas rurais, até os moradores dos centros urbanos, pessoas de todas as classes interagiam neste momento.

Dr. Américo Barreira (1902) no livro - Alagoins e seu município - apresentava um espaço da feira ocupado por pessoas de toda região. Desde os trabalhadores da feira, até o público que dela iria usufruir como os “habitantes da cidade, chefes de família que saem para labuta diária, senhoras acompanhadas por criados e amas de côfo enfiado no braço, ou conduzindo balaios...” (BARREIRA, 1902, p. 200).

É válido apontar que a partir do contexto socioeconômico pós-abolicionista, a visualização desta democracia é tida apenas no aspecto físico destinada a demandas comerciais. Apesar desta interação tendenciosa, este espaço de fato conduzia uma animação ao contexto

³ “O livro da memorialista e poetisa Joanita Cunha dos Santos carrega em si relatos saudosos do período em que viveu na cidade desde sua infância até sua partida para Sergipe em 1948. Embora seus relatos partam uniformemente do ponto de vista de uma classe hegemônica, a riqueza na descrição dos espaços e das atividades culturais da cidade no período tem relevância para as análises deste estudo” (LIMA, 2018, p. 29).

social, tornando o “sábado de feira” o dia de maior agito no final de semana alagoinhense (LIMA, 2018).

Outro espaço que merece destaque foram as áreas verdes na natureza. A memorialista Joanita Cunha Santos (1987) lembra das vivências nas chamadas casas de verão, aproveitando os riachos da Alagoinhas-Velha. “Aos domingos, uma turma de amigos de meu pai ia tomar banho no sítio, em Alagoinhas Velha, lugar muito visitado pelas pessoas da cidade...” (SANTOS, 1987, p. 45).

Além destes relatos, temos os *convescotes* (lanches e passeio realizados no campo em meio a natureza) citados por Américo Barreiras (1902) realizados na mesma região. Outro registro válido se refere as caçadas, também citadas pelo autor, que ocorriam na Serra do Ouro (nome dado devido os laranjais existentes na localidade).

Embora a cidade deva sua construção aos bens naturais como as lagoas, rios e toda área verde, os ideais de modernidade tendiam a repelir as ligações com este espaço. Ainda assim, havia práticas enraizadas na cultura local que, mesmo sem a devida atenção dos periódicos, aconteciam de forma comum e consolidada na realidade alagoinhense.

Essas práticas em geral ocorriam na privacidade de fazendas particulares, ou “clubes” recém-criados, como a concessão oferecida em 1926 para criação de uma piscina balneária às margens do Rio Catu. Essa permissão nos mostra o interesse, à nível gestor, de incentivar práticas esportivas aquáticas, desfrutando enfim do maior bem natural da cidade. Contudo, ainda assim se apoiavam em demandas privadas para dar conta desta tarefa.

As práticas na natureza, apesar de entusiasmantes nos relatos supracitados, não recebiam os investimentos do governo público de forma mais incisiva. Havia um maior direcionamento gestor para as necessidades urbanísticas, como: calçamento, alargamentos das ruas, saneamento e outras demandas voltadas a infraestrutura local (LIMA, 2010).

O investimento nesse perfil da cidade atingiu também a construção de praças e espaços que auxiliassem a sociabilidade entre as pessoas. As modificações ocorridas nesse espaço das praças sofriam influência direta da musicalidade aflorada na cultura local desde o século XIX.

As filarmônicas, assim como as bandas surgidas a partir delas, promoviam ações nesses ambientes. Esse fato suscitou na gestão municipal, por exemplo, a importância de investir em locais físicos que promovessem essas apresentações.

Nesse ensejo, as praças recém alargadas passavam a agregar ao seu visual diversidades de coretos, fixos ou móveis, que viabilizassem as ações desenvolvidas por tais grupos. Esse processo não foi exclusivo de Alagoinhas, contudo, foi relativamente importante para a história da

cidade nesse momento, devido as suas filarmônicas terem assumido fama regional.

É possível localizar nos periódicos locais as viagens realizadas pelas Filarmônicas Euterpe e União Ceciliana, para as cidades vizinhas e até mesmo para a capital.

A Euterpe vae fazer passeiodes recreio. Trata-sede viagem à Serrinha para as festas de Senhora Sant'Anna com ida e regresso no mesmo dia (CORREIO DE ALAGOINHAS, 26 de agosto de 1925).

Além disso, era comum em momentos de visitas ilustres à gestão da cidade, as bandas principais de ambas as filarmônicas se apresentarem durante a recepção na estação ferroviária ou na Câmara Municipal (BARREIRAS, 1902).

Com base nessa cultura, a Praça do Comércio, primeiro local para a feira na formação do centro urbano, em frente à primeira estação férrea, ganhou na segunda década do século XX, o Pavilhão Bar, reverberando práticas de urbanização iniciadas na França e disseminadas por todo Brasil no início do século, Alagoinhas investia nesse espaço uma estrutura para uma lanchonete e um mirante, destinado justamente as apresentações musicais (LIMA, 2010).

Para além disso, como aponta Corbin (2001), as praças, geralmente próximas as paróquias, eram espaços ocupados também pelas entidades religiosas nas trezenas, quermesses, feiras. Este perfil de atividades, por exemplo, manteve a Alagoinhas-Velha ativa nas dinâmicas sociais da cidade.

A representatividade da comunidade católica do bairro era tão significativa, que conseguia manter um calendário de eventos, contando com ajuda até do Governo na oferta de transporte público. As notas do Jornal Correio de Alagoinhas, entre os anos de 1925 e 1930 mostram esse processo de forma bastante regular.

Na edição de 6 de fevereiro de 1926, o Jornal Correio de Alagoinhas traz a nota “Grandes festejos em Alagoinhas Velha em homenagem ao Senhor do Bomfim”. Nela, o jornal divulgava o evento previsto para o dia 7 de fevereiro, onde, durante todo o dia “múltiplas e interessantes diversões entreterão a alegria popular e entre outras”. A programação iniciava-se pela manhã, com alvorada e missa matinal solene, acompanhamento de orquestra, ternos de reis, apresentação da filarmônica União Ceciliana, procissões e encerrava as 22h, com queima de fogos.

Com o acesso viabilizado pela abertura de estradas de rodagem, os distritos como Aramari, Igreja Nova, Riacho da Guia, Sitio Novo e Estevão, passaram a receber com maior facilidade as ações locais. Quermesses e missas festivas foram padrões encontrados para as festas nestas localidades onde as bandas também se apresentavam.

A rua, de modo geral, era um espaço que retratava a animação do alagoinhense do século XX. As micaretas⁴ que ocorriam na cidade agitavam a vida social e o próprio comércio da cidade, que passava a vender novos produtos, graças aos festejos. Também usufruíam das ruas alargadas os festejos de ano novo, desfiles escolares e ensaios das filarmônicas.

Nas memórias de Santos (1987), as brincadeiras que ocorriam durante a festa possuíam a graça dos festejos. A bola de água de cheiro colorida, na brincadeira do entrudo, costumava ser lançada pelas pessoas umas nas outras, tingindo as roupas e provocando alvoroço entre os que passavam.

Para esses momentos carnavalescos, as apresentações musicais não ficavam apenas para as filarmônicas Euterpe e União Ceciliana, também faziam parte do repertório, os clubes carnavalescos Filhos do Sol, União Juvenil e Cavalheiros de Veneza (este último criado por cidadãos de origem italiana) (LIMA, 2010; BARROS, 1978).

Outra praça marcante no contexto sociocultural de lazer da cidade foi a atual Praça Rui Barbosa, reformada recentemente no ano de 2018. O espaço, que já foi conhecido com Praça do Mercado e Praça do Cruzeiro, ao passar pelas reformas influenciadas pelos hábitos culturais musicais, passou a dispor de espaço para dois coretos.

Sobre esse fato, a memorialista Joanita Santos recorda em seu livro as tradicionais batalhas entre as duas filarmônicas alagoinhenses. A disputa entre as bandas promovia momentos de lazer para a população, que aderiu aos ensaios e se agrupavam em entusiastas e apaixonados pelas equipes (SANTOS, 1987).

É notório que se vivia um momento em que as ações de lazer e entretenimento nos espaços públicos ocorriam, em sua maior parte, dada a iniciativa privada. O periódico O Correio de Alagoinhas aponta a participação das filarmônicas desde a organização das comemorações de ano novo, até os festejos carnavalescos. Notas que, por sinal, já chamavam a atenção dos leitores para a falta de envolvimento público.

Como nos anos anteriores, coube agora à querida filarmônica União Ceciliana a primazia de organizar o programma das festas com que o povo se devia despedir do velho anno e saudar alegre e radiante o Anno Novo de 1925” (CORREIO DE ALAGOINHAS, 7 de janeiro de 1925).

Outra praça que teve seu espaço reservado às práticas de lazer foi a Praça Barão do Rio Branco. Este ambiente era ainda mais dinâmico que os demais supracitados. Por ser bastante próximo da Estação de Prolongamento, seu uso era feito por estruturas maiores, viajantes dos trilhos, como circos e até mesmo touradas, que costumavam a se instalar no lugar.

⁴ Festa popular carnavalesca fora do período de carnaval.

O Correio de Alagoinhas, na edição de 21 de março de 1925, anunciou a chegada de “um pavilhão equestre denominado Hermeval” armado na Praça Barão do Rio Branco. Já em 12 de outubro de 1925, foi a vez de um circo sulista (sem nome no anúncio além desta característica) situado na mesma localidade. No ano seguinte, em 1926, foi a vez do toureiro Pedro Aliemão, vindo da capital, montar seu Circo de Touradas na localidade. A nota lançada na edição de nº 1030 de 19 de outubro foi novamente lançada no dia 03 de novembro afirmando a permanência do artista por “mais uns dias” (CORREIO DE ALAGOINHAS, 1926).

Em geral, as vivências públicas relacionáveis ao lazer e a sociabilidade em Alagoinhas ocorriam nas praças e ruas da cidade, a partir do envolvimento de grupos ou instituições privadas que tinham suas atividades aplicadas neste campo da cultura. Rybczynski (2000) ao narrar o processo da construção do fim de semana nos mostra que esse contexto ocorrido na cidade também é identificado em outras partes do globo.

Considerações

Entendendo que a história é um fato em construção, pois, é possível desenvolvermos variados olhares para o mesmo objeto extraindo delas informações diversas, o que se segue são breves interpretações e concepções perceptíveis a esse ponto do estudo.

Para Alagoinhas, como uma cidade interiorana, em um estado que no início do século XX ainda vivia as marcas da mudança da capital do país, o lazer e a sociabilidade chegavam como o viés cultural que civilizaria a população e os aproximaria do ideal de modernidade tão almejado.

A mobilidade demográfica impulsionada pela expansão da linha férrea, integrando a cidade à capital sergipana, Aracaju, ampliou o acesso da cidade a diversas práticas culturais de entretenimento, como circos, touradas, espetáculos diversos que, durante o trajeto entre as capitais, faziam exposições nas cidades em que, por ventura, precisavam fazer paradas.

Dada essa demanda vimos os espaços públicos passarem por diversas mutações, a fim de abrigar e impulsionar as práticas de lazer e sociabilidade, tais como a reestruturação das praças, a construção dos coretos e as concessões para organizar as práticas aquáticas no rio, por exemplo. Todas essas adequações se direcionaram para um lazer idealizado e mercadológico, onde o ideal de consumo e luxo sobrepunha a outras demandas culturais (CARDOZO, 2017).

Essencialmente, as práticas identificadas foram as feiras populares e toda dinâmica social que era comum a esses espaços, desde a interação da compra e venda, até pequenas apresentações ocasionais de teatro e de música, por exemplo.

Sobre a música, ponto mais determinante para a cidade, as práticas das fanfarras e filarmônicas era o item de maior destaque na cultura local. A cultura das filarmônicas tinha prestígio na cidade e uma participação como agitadora cultural, por promover boa parte das práticas dirigidas as populações nos espaços públicos.

O governo municipal, reconhecendo essa posição destas instituições, assegurava nas reformas dos ambientes de sociabilidade, coretos que possibilitassem suas apresentações e atividades culturais. Os espaços que não ganharam coretos fixos, foram ampliados e organizados para receberem coretos armados para as demandas das festividades.

Além destas instituições, as atividades religiosas também usufruíam destes espaços na execução das missas festivas, quermesses, trezenas e demais festividades religiosas que mobilizavam a cidade e expandiam as ações do centro próximo da ferrovia e conduziam as atividades para os bairros e povoados da cidade.

Reconhecer a construção do espaço social das práticas divertidas no interior baiano representado em Alagoinhas, nos permite perceber um caminho para aquilo que adiante se convencionou chamar de lazer. Mesmo reconhecendo que ainda carece de mais pesquisas, os registros nos mostram a prática de uma elite letrada, fato que Chauí (2007) aponta como uma cultura elitista, letrada. Não podemos negar que isso visava também promover um silenciamento da cultura popular, que mesmo assim, seguiu resistindo, como vimos nos livros de memórias encontrados.

Referências

BARREIRA, A. *Alagoinhas e seu município: Notas e Apontamentos para o futuro*. Typografia D' O Popular. Alagoinhas, 1902.

BARROS, S. *Vultos e Feitos do município de Alagoinhas*. 1979.

BURKE, P. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

CARDOZO, J. M. C. Poder e hegemonia na construção do conhecimento do Lazer. In: ISAMAYA, H. F.; OLIVEIRA, M. A. (Org.) *Produção de conhecimento em Estudos do Lazer*. Belo Horizonte – MG: Editora UFMG, 2014.

CHAUÍ, M. *Cultura e Democracia*. (Coleção Cultura é o quê?). Salvador – BA: Editorial da Secretaria de Cultura da Bahia – Governo da Bahia, 2007.

CORBIN, A. (org.) *História dos Tempos Livres*. Lisboa: Teorema, 2001.

CORREIO *de Alagoinhas*, O. Edições do ano de 1925 e 1930.

DAMASCENO, J. J. de A. Memória e a escrita da história da cidade: Alagoinhas em escritos memorialísticos e em narrativas orais – Maria Feijó de Souza Neves e Major Reginaldo Santana – 1988-2011. In: *Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral. Função e Poder: Qualidade, Imagem e Escrita*. Fortaleza, 2017. Disponível em http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1493116133_ARQUIVO_MEMORIAEAESCRITADAHISTORIADACIDADEALAGOINHAS.pdf Acesso em 02 nov. 2017.

DORTIER, J. *Dicionário de Ciências Humanas*. Revisão e coordenação da tradução Maria Valeria Martinez de Aguiar – São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2010.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e Cultura Popular*. 4ª ed. São Paulo-SP: Editora Perspectiva, 2014.

FREIRE, A. L. O.; SARTORIO, F. D. Urbanização e Lazer: Aspectos do processo histórico da criação de espaços públicos em Vitória (ES). *Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFES*, p. 42 – 57. Jan/jul. 2015

GONÇALVES, C.; MELO, V. A. Lazer e Urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). Porto Alegre – RS. *Revista Movimento*, v. 15, n 3, p. 249-271, jul./set., 2009.

LIMA, K. Mª S. do N. *Entre a ferrovia e o comércio: urbanização e vida urbana em Alagoinhas (1868 - 1929)*. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2010.

LIMA, L. de S. *Percepções históricas sobre o lazer e a educação nas práticas de sociabilidade em Alagoinhas-Ba*. 2018. 88p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2018.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e Educação*. 17ª ed. Campinas-SP: Editora Papirus, 2013.

MELO, V. A.; ALVES Jr., E. de D. *Introdução ao Lazer*. 2ª ed. Barueri-SP: Editora Manole, 2012.

MELO, V. A et al. . *Pesquisa histórica e história do esporte*. 7Letras, 2013.

MORIN, E. *Cultura de Massas no século XX*. O espírito do tempo – 1ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 1997.

OLIVEN, R. G. Cultura e Modernidade no Brasil. *Revista São Paulo em Perspectiva*, nº 15, v. 2, 2001.

RYBCZYNSKI, W. *Esperando o fim de semana*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SANTOS, J. C. *Traços de Ontem*. 1987.

SEPLAN, Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. *Diretoria de planejamento territorial territórios de identidade - Bahia - PPA-P - 2016-2019*. Disponível em

<http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica-territorial/>

CONFIGURACAO_

TERRITORIAL_E_MAPAS/Territorios_de_Identidade_PPA_

2016_2019/TI_x_Municipios.pdf Acesso em: 02 nov. 2017.

Recebido em 9 de março de 2022

Aprovado em 4 de setembro de 2022